

Entre a canção e o conto: *Olhos nos olhos* de Chico Buarque por *Olhos nus: olhos de Mia Couto*

Between the song and the tale: Eye eye for eye of Chico Buarque Nus: Yes by Mia couto

Francielle Silva Santos¹

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre a letra da música *Olhos nos olhos*, escrita por Chico Buarque, e o conto *Olhos nus: olhos* do escritor moçambicano Mia Couto, escrito para compor a coletânea *Essa história está diferente: dez contos para canções de Chico Buarque*, organizada pelo jornalista Ronaldo Bressane em 2010. Neste livro, dez escritores recriam o cancionário do compositor carioca, com liberdade total para reinventar em prosa a canção que escolhessem. Na obra há contos que se baseiam fielmente nos causos musicados por Chico Buarque, outros os usam como trilha sonora, cenário, atmosfera, outros emprestam das canções suas estruturas e há aqueles que somente o utilizam como mote. Este estudo volta-se, para a relação construída entre a ficção e a música, observando o diálogo narrativo que se estabelece entre a letra da música de Chico Buarque e o conto escrito por Mia Couto, o pacto de fidelidade estabelecido com o texto de partida e toda estrutura narrativa que ganha vida sob o olhar de Mia Couto. Por fim, no decorrer do artigo utilizaremos os pressupostos teóricos como: Silviano Santiago, Umberto Eco, Costa Lima, Leonor Arfuch entre outros para assim explorar todo o contexto dessa narrativa envolvente.

Palavras-chave: Canção. Conto. Narrativa.

ABSTRACT: This paper proposes a reflection on the lyrics Eye to eye, written by Chico Buarque, and the tale nude Eyes: Eye of the Mozambican writer Mia Couto, writing to compose the collection This story is different: for ten thousand songs by Chico Buarque, organized by journalist Ronaldo Bressane in 2010. this book ten writers recreate Songbook carioca composer, with total freedom to reinvent prose the song they chose. In the work there are tales that are based on stories faithfully to music by Chico Buarque, others use them as soundtrack, scenery, atmosphere, some of the songs lend their structures and there are those who only use it as a theme. This paper then turns to the relationship built between fiction and music, watching the narrative dialogue established between the lyrics by Chico Buarque and the short story by Mia Couto, the fidelity pact established with the source text and the whole narrative structure that comes to life under the eye of Mia Couto. Finally, throughout the article we use the theoretical assumptions discussed as Silviano Santiago, Umberto Eco, Costa Lima, Leonor Arfuch among others so as to exploit the full context of this engaging narrative.

Keywords: Song. Tale. Narrative.

INTRODUÇÃO

Essa história está diferente: dez contos para canções de Chico Buarque organizado pelo jornalista e escritor Ronaldo Bressane e publicado pela Companhia das Letras em 2010, nos convida a redescobrir as canções de Chico Buarque de Holanda por um novo ângulo,

¹ Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia/UFBA. E-mail: lollyta5@hotmail.com

reinventadas pelas mãos de grandes autores em forma de contos que ganham vidas e saltam diante dos nossos olhos como narrativas incríveis e fascinantes.

Nesta obra, que brinca com a musicalidade, a escrita e o imaginário do leitor, dez escritores (Carola Saavedra, Alan Pauls, André Sant`Anna, Cadão Volpado, João Gilberto Noll, Luis Fernando Verissimo, Mário Bellatin, Mia Couto, Rodrigo Fresán e Xico Sá), foram convocados para dar vida e recriar as canções do compositor carioca com liberdade total para reinventar em prosa a canção que escolhessem.

As canções de Chico Buarque escolhida para compor a obra em questão, contam histórias do cotiado, do dia-a-dia, a partir desta musicalidade poética foram escolhidas as seguintes canções: Ela faz cinema, Brejo da cruz, Carioca, Mil perdões, As vitrines, Feijoada Completa, Construção, Olhos nos olhos, Outros sonhos e Folhetim. E foram criados os contos: O direito de ler enquanto se janta sozinho, Lodaçal, Carioca, Entrelaces, A calça branca, Feijoada completa, Os fantasmas do massagista, Olhos nus: olhos, A mulher dos meus sonhos e outros sonhos e Um corte de cetim. Alguns contos se baseiam fielmente nos causos musicados por Chico Buarque, outros os usam como trilha sonora, cenário, atmosfera, outros emprestam das canções suas estruturas e há aqueles que somente o utilizam como ponto de partida.

No intuito de estabelecer um elo entre os diálogos construídos entre a canção e o conto, selecionamos para tal proposta o conto *Olhos nus: olhos* do escritor moçambicano Mia Couto escrito a partir da música *Olhos nos olhos* de Chico Buarque. Autor já consagrado da Língua Portuguesa e um dos mais importante de Moçambique, o escritor Mia Couto aceitou a proposta de construir o novo para a música de Chico Buarque uns dos grandes compositores da Música Popular Brasileira.

O presente conto *Olhos nus: olhos* é dividido em doze partes: A felicidade não tem alfabeto, A adiada visita, A tribo dos caçadores, Morrer de ciúmes, Uma furtada lágrima, Um reflexo no mar, O telefone da mãe, A espera de não mais esperar, A primeira visita, Livros e colírios, o Eco da voz e Olhos nos olhos. Em seu conto o escritor moçambicano Mia Couto dialoga com os três elementos essenciais da canção-poema de Chico Buarque: a separação que destrói a vida, a reconstrução do “eu” feminino e, por fim, a tão sonhada reconciliação com a pessoa amada.

Observa-se para tanto, a relação construída entre a ficção e a música, a construção do diálogo narrativo que se estabelece entre a letra da canção de Chico Buarque e o conto escrito

por Mia Couto, o pacto de fidelidade estabelecido com o texto de partida e toda estrutura narrativa que ganha vida sob o olhar do escritor moçambicano. O conto *Olhos nus: olhos*, estabelece um entrelaçamento poético entre a canção e o gênero textual conto, que desperta no leitor o desejo de escutar a canção de Chico Buarque, onde o mesmo por meio do processo de adaptação do musical para a narrativa consegue visualizar os elementos da canção, a composição dos personagens, seus traços e enredos presentes na representação ficcional do conto.

O escritor Mia Couto utiliza como base, o texto fundador em uma nova produção ficcional. Ele consegue criar um vínculo entre a ficção e a música sem desmerecer a fonte de inspiração que é a própria canção em uma história de personagens marcantes e conflituosos como Clarice, Adélia e João Rosa. Clarice, a mulher abandonada que sofre com o término do relacionamento; João Rosa, o ex-marido que descobre que não é possível se separar de alguém de verdade quando se ama e Adélia, a nova namorada do ex-marido de Clarice.

Desse modo, as discussões propostas neste artigo trazem uma possível abordagem sobre as questões a serem pontuadas que serão sustentadas pelos pressupostos teóricos que fundamentam estes diálogos da narrativa ficcional, suas transições, singularidades e seu pacto de verossimilhança com o leitor. Como Carvalho (2013), Eco (1994), Benjamin (1994), Lima (1989), Santiago (1989), Arfuch (2010) entre outros.

“OLHOS NOS OLHOS” X “OLHOS NUS: OLHOS”

O escritor Mia Couto faz da canção *Olhos nos olhos* o seu entrelaçamento poético para a construção do seu conto *Olhos nus: olhos*. Escrita em quatro estrofes com um quarteto e três quintetos, a canção expõe o sofrimento feminino que se encontra devastada depois do término do relacionamento e que agora busca forças para reconstruir a sua vida sendo feliz com ou sem o seu amado.

OLHOS NOS OLHOS

(Chico Buarque)

Quando você me deixou, meu bem

Me disse pra ser feliz e passar bem

Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci
Mas depois, como era de costume, obedeci
Quando você me quiser rever
Já vai me encontrar refeita, pode crer
Olhos nos olhos
Quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais
E que venho até remoçando
Me pego cantando, sem mais, nem por quê
Tantas águas rolaram
Quantos homens me amaram
Bem mais e melhor que você
Quando talvez precisar de mim
Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim
Olhos nos olhos
Quero ver o que você diz
Quero ver como suporta me ver tão feliz.

Bem mais que explorar o drama musicado por Chico Buarque, o escritor moçambicano Mia Couto mantém uma relação com a música em seu conto ao passo que busca responder no decorrer da história dois questionamentos levantados na canção: “*Quero ver o que você faz/Ao sentir que sem você eu passo bem demais*”. “*Olhos nos olhos, quero ver o que você diz. Quero ver como suporta me ver tão feliz*”. Questões essas serão exploradas na narrativa, nas sequências dos fatos, nas construções dos personagens e no avivamento poético estabelecido entre a canção e o conto.

O conto é dividido em doze partes que se assemelha a pequenos recortes do cotidiano da vida dos personagens João Rosa, Clarice e Adélia. Na primeira parte do conto intitulada *A felicidade não tem alfabeto*, Mia Couto inicia o seu processo de escrita estabelecendo uma afirmação com o leitor “A paixão é um fio de chuva em vidro de janela” (COUTO, 2010, p. 197). Afirmação que será conduzida durante todo enredo da história afim de confirmação toda diferença existente entre a paixão por Adélia e o amor estabelecido e mantido por João Rosa em relação a Clarice.

Tal afirmação inicial, nos leva a perceber o seu papel como uns dos sinais ficcionais introdutórios estabelecido no início do conto no processo de manter um pacto de ficcionalidade que beira a projeção da representação na realidade. A ficção nos permite reconstruir o passado e presente, a ação de transpor a canção para o conto chega a beirar a veracidade. Essa proposta afirmativa já demonstra um sinal de ficcionalidade, pois na visão de Eco (1994), uma das indicações típicas da ficcionalidade é a falsa afirmação de veracidade no início de uma história.

Um dos elementos determinante na primeira parte do conto *A felicidade não tem alfabeto*, é a presença do narrador que uma hora se faz presente em primeira ou em terceira pessoa. No caso do conto por um todo nos deparamos com um narrador onisciente capaz de conhecer tudo sobre os personagens e sobre o enredo, sabe o que passa no íntimo das personagens, conhece suas emoções e pensamentos. Sendo ele capaz de revelar suas vozes interiores detalhando os sentimentos e ações dos personagens.

Aqui, nos deparamos com o típico narrador pós-moderno aquele que se distancia e ao mesmo tempo que observar os fatos narrados, apresenta as informações para o leitor e apenas narra as ações dos personagens de maneira a empolgar, seduzir e emocionar o outro com o texto narrado.

O narrador se subtrai da ação narrada (há graus de intensidade na subtração, como veremos ao ler “A lugar algum”) e, ao fazê-lo, cria um espaço para a ficção dramatizar a experiência de alguém que é observado e muitas vezes desprovido de palavra. Subtraindo-se à ação narrada pelo conto, o narrador identifica-se com um segundo observador – o leitor. Ambos se encontram privados da exposição da própria experiência na ficção e são observadores atentos da experiência alheia. Na pobreza da experiência de ambos se revela a importância do personagem na ficção pós-moderna; narrador e leitor definem como espectadores de uma ação alheia que os empolga, emociona, seduz, etc (SANTIAGO, 1989, p. 44).

Talvez a figura do narrador distante seja um recurso utilizado por Mia Couto para compor as ligações presentes entre o narrador e os personagens, principalmente a figura de Clarice o “eu” feminino abandonado, relegado a solidão e ao afastamento do seu amor perdido.

Nesse percurso de intercambiar as experiências sofridas pelo trio amoroso composto por: João Rosa, Clarice e Adélia. É que o narrador nos apresenta logo no primeiro capítulo a

figura de João Rosa, homem com vasta experiência amorosas que praticamente viveu um alfabeto inteiro de paixões, mas apenas uma felicidade amorosa:

Na vida de João Rosa, janelas se sucederam, paixões escoaram, sem rosto nem rastro. Mulheres escorreram como apressadas gotas e se neblinaram, aves cruzando os céus. João Rosa não se lembrava de nenhuma das mulheres que amara. Mentira, recordava Clarice. Talvez porque tenha sido apenas há semanas que a relação rompera. Talvez porque ainda a amasse. Talvez. Como dói o indeciso tempo do “talvez”. Pior que essa dor apenas a conformada certeza dos amores eternos (COUTO, 2010, p. 197).

Ele nos apresenta uma verdadeira dança das cadeiras, um João Rosa indeciso quanto aos seus sentimentos nutridos por Adélia sua recente paixão que o encantava pela exuberância do seu corpo. Adélia era fascinada pelas palavras lindas que João lhe dirigia em forma de poesia e João Rosa caminhava na contramão da paixão e do amor que ainda nutria por Clarice.

João Rosa estava inebriado com Adélia, a sua mais nova conquista “Ela era nova, vistosa, capaz de encantar sem recursos a nenhuma fala. O corpo lhe bastava como adjetivo. E o adverbio de Adélia faziam os homens ficarem sem alfabeto”. (COUTO, 2010, p. 197). Já Clarice tinha esfriado demais para continuar a ser sua mulher, para João Rosa o passado e o presente estava ali na imagem de Clarice e acoplado ao corpo de Adélia.

Na segunda parte do conto *A adiada Visita* o narrador conduz o leitor a percorrer os labirintos e incertezas presente na vida do personagem João Rosa. O conto narrado aqui em terceira pessoa descreve o medo de João Rosa ao voltar ao seu antigo lar, há dois meses adiar a visita para buscar as suas roupas que ainda se encontrara-la. Ele adiava o momento de visitar o seu passado e se deparar com a figura de Clarice marcada pela dor ou quase morrendo de amor.

O narrador ora observar, ora descreve as ações no decorrer do conto e faz indagações ao próprio personagem: “ Porque se demorava, face ao destino? ” (COUTO, 2010, p. 199). Porque se demora em visitar Clarice? Não era ela a mulher que um dia tanto amou? O narrador ao mesmo tempo que indaga ao personagem, responde ao leitor ao ler os pensamentos de João Rosa e definir que ele se consumia em remorso pois tinha certeza da marca que deixará gravada na alma de Clarice como de tantas outras mulheres que por ele um dia havia passado. Aqui, João Rosa mostra o seu machismo exposto na sua segurança viril de “macho alfa” ao enfatizar que nunca passa despercebido na vida das mulheres que um dia cruzaram o seu caminho.

Articula-se assim, o papel do narrador que se relaciona com o leitor criando protocolos de verdades no decorrer do conto, um narrador que cria possibilidades com pontos de vistas diferentes que irá refletir nas ações dos personagens. Com nos diz Lima:

Por estar submetido ao protocolo de verdade, em princípio, o narrador na história não pode abandonar sua posição de terceira pessoa. Ao contrário, o narrador ficcional pode assumir posições mais variadas: ser um narrador em primeira, em terceira pessoa ou ser um narrador-refletor, que surge nos textos em que o relato não depende de um narrador distinto das personagens, senão que “a reflexão dos eventos ficcionais” se dá “através da consciência de um personagem” (LIMA, 1989, p. 104).

Reflete assim, uma maior liberdade na composição do texto e nas histórias dos personagens que visa construir o verossímil, o quase verdadeiro constituindo o próprio eixo temático do texto.

A terceira parte intitulada *A tribo dos caçadores* o olhar do narrador descreve o encontro de João Rosa com sua turma de amigos economistas. O seu orgulho estampado no peito, a firmeza no olhar é descrita pelo narrado como um verdadeiro troféu ao expor em uma mesa de bar para seus amigos seu mais novo troféu, que neste caso se chama: Adélia. “Os amigos, economistas como ele, sabiam do seu novo caso: João Rosa era um caçador triunfante repuxando brilho a bravura. Como era de esperar, ele trazia um nono troféu” (COUTO, 2010, p. 200). João Rosa não sabia, mas segundo Kehl (2001), todos acabam sempre se tornando um personagem do romance que é a sua própria vida. E ele estava fardado a este destino ao entrelaçamento amoroso entre Adélia e Clarice, entre a paixão e o amor.

Em *Morrer de ciúmes* quarta parte do conto, Couto traz para a cena do conto a quarta estrofe da música “*Quis morrer de ciúmes, quase enlouqueci, mas depois como era de costume, obedeci*”, quando o narrador descreve a personagem Clarice dilacerada, aos prantos, depressiva e sem vida.

Desejando a sua morte, inventado a de João Rosa na sua insanidade, nas suas loucuras, na sua concepção de viúva sem morte. “Morrer de ciúmes é bonito de ser cantado em letra romântica. Mas havia algo que ela desconhecia: há muito que já não vivia assim tanto. Viúva sem morte, louca sem insanidade, Clarice se passeava, inventada rainha, entre lamentos e rumores” (COUTO, 2010, p. 202).

No decorrer do conto novamente temos o recurso da intertextualidade quando um verso “Oh, pedaço de mim” da música “Pedaço de mim” de Chico Buarque de Holanda invade a conto com uma leve variação da preposição “de” para “sem”. Ao constar que os

sentidos delas variam já que a preposição “de” possui o sentido de posse enquanto “sem” denota o sentido de ausência, o que realmente estava representado na imagem de Clarice. “Já que não mais viveria de coração, morreria vítima dessa paixão às avessas que é o ciúme. Cantarolava como se rezasse: Ó pedaço sem mim...” (COUTO, 2010, p. 202).

A quinta parte da narrativa *Uma furtada lágrima*, o narrador apenas descreve o diálogo de João Rosa e Adélia de formar simples, orações curtas e breves. Ao descrever o passo-a-passo das falas e ações dos personagens o narrador deixa transparecer como a conversa entre o casal ocorre de maneira superficial sem “olho no olho”.

Rosa responde de maneira sutil as perguntas de Adélia sobre a palestra da qual ele acabará de participar, sua emoção, os olhos lagrimejados, os aplausos. O narrador deixa claro que naquele instante Rosa sentirá falta de Clarice na plateia, a lágrima até então atributo de Clarice, passará de alguma maneira a pertencer o olhar de João Rosa. Na confusão dos sentimentos e das palavras ele troca os nomes e pronuncia Clarice, Adélia em um rompante de raiva se afasta aos prantos e João Rosa neste momento chorava copiosamente, como apenas viu fazer as mulheres que um dia passou pela sua vida.

O narrador aqui apresenta, de maneira singular, as transformações, os processos de fragilidade, sentimento e dúvidas que se confundem nas ações dos personagens, aqui o olhar do narrador perpassa pela vida de Rosa, Adélia e Clarice. Nesse conto, há muitas características da visão crítica do narrador, que por meio do enredo transmite as emoções, angústias e medos dos personagens presente no contexto ficcional que segundo Carvalho (2013) é:

essencialmente imaginativa, criadora, e tal condição deriva da fertilidade da vida social, com suas ambiguidades, contradições, situações de alegria, dor, desespero, esperança, possibilidades de superar barreiras e tantas outras já detectadas e narradas, bem como aquelas que ainda estão por vir (CARVALHO, 2013, p. 58).

Um reflexo de Mar sexta parte do conto, João Rosa faz as pazes com Adélia, refaz as juras de amor com acrescida paixão. Ao caminho do escritório dentro do carro o rádio trazia a música de Chico Buarque, neste momento o narrador traz novamente a voz da música de Chico ao citá-lo. O mesmo descreve a ação de Rosa, que no exato momento em que escuta a canção lembra de Clarice e instintivamente como uma autodefesa desliga o rádio. “A canção fazia-lhe lembrar Clarice. E ele hoje estava repleto de Adélia”. (COUTO, 2010, p. 204).

A sétima parte da narrativa *Telefonema da mãe*, inicia-se com a mãe de Rosa afirmando: Ninguém se separa, meu filho. Rosa liga para mãe para avisar do seu rompimento com Clarice, mas logo desliga pois a mãe não aceita o término da relação.

A figura da mãe e suas palavras seguras com questionamentos sobre Clarice, deixa Rosa nervoso e angustiado faz ele perceber o seu medo em reencontrar Clarice e voltar ao passado. Um passado que continua presente, latente e ele chega à conclusão que o prazer de Clarice é vê-lo convertido em gota de chuva, cicatriz de luz e sentir que ele ecoa em lágrimas e deságua no nada. Ao mesmo tempo que pensa sobre isso, o narrador se insere na conversa e afirmar que o passado de João Rosa é mentira. Metade é feita de coisas não passadas. A outra metade é feita de coisas que nunca mais passarão.

Em *À espera de não mais esperar* oitava parte do conto, Clarice decide se embriagar ao buscar na bebida o seu refúgio, suas angustias e decepções. A ação de beber naquele momento é descrita pelo narrador como a necessidade de ser bebida pelo outro, por João Rosa, tragada até a última gota. “Ela queria que a ausência de Rosa lhe viesse molhar a boca, devorar-lhe os beijos que foram dele, lambe-lhe nos seios as marcas que João Rosa semeara. E, no final, ser atirada ao desdém como garrafa vazia, desperdício no meio do lixo”. (COUTO, 2010, p. 208).

No conto o narrador descreve detalhadamente as ações de Clarice, o seu espanto ao ver sua imagem refletida no espelho, o olho no olho, a frieza estampada no seu olhar na sua face. A canção de Chico fala ao seu ouvido: “ Quis morrer de ciúmes, quase enlouqueci...”. Neste momento o narrador com a personagem acrescenta ao discurso do poeta e músico, a sua interferência: “Morrer de ciúmes é demasiado solitário. E ela tem a canção como companhia, é a única amiga que lhe resta” (COUTO, 2010, p. 209).

Após se entregar as emoções de Clarice, o narrador nos conduz a nona parte do conto denominada *A Primeira visita*, o que nos faz pensar que não será única poderá haver outros encontros e desencontros entre João Rosa e Clarice. A visita é descrita pelas palavras do narrador como algo a mais, algo bem mais complexo do que uma simples ida ao seu antigo lar cultivado por João Rosa e habitado por Clarice.

O primeiro reencontro entre eles é narrado minuciosamente, nas entre linhas das ações e com tanta verdade que o leitor consegue por frações de segundos sentir e perceber o coração de Rosa pulsar de medo e insegurança por não saber o que lhe esperava dentro da sua antiga casa. “João Rosa bateu à porta, o coração crispado na pontados dedos. Cada toque lhe doeu

como se a madeira fosse a carne que golpeava. Do outro lado, escutou-se a arrastada voz: Veio hoje? É que hoje estou muito antiga”. (COUTO, 2010, p. 209).

Tal situação deixa o leitor tão submerso na narrativa que por alguns segundos a linha imaginária entre a ficção e a realidade desaparece e de repente nos vemos dentro deste mundo habitado por Rosa, Clarice e Adélia. Segundo Eco (1997), o mais comum é o leitor projetar o modelo ficcional na realidade – em outras palavras, o leitor passa a acreditar na existência real de personagens e acontecimentos ficcionais.

Neste momento o narrador deixa claro que João Rosa se dará conta que o seu “eu” o seu olhar ainda habitará em Clarice. Ela não se tornará o seu ex-amor, Clarice continuava a ser o seu único e verdadeiro amor.

Entre *Lírios e Colírios* assim é nomeada a décima parte da narrativa, João Rosa é questionado por Adélia quanto a sua primeira visita feita a Clarice, sobre suas roupas já resgatas e agora acomodadas em seu novo lar. Sua tomada de consciência ao perceber que as roupas ainda não era o mais pessoal dos seus objetos. Faltava algo, faltava os seus livros. “Era nos livros onde ele mais tinha vivido, onde deixara o olhar enrolado, os dedos passeados, a alma gravada. Amanhã mesmo, voltaria a casa de Clarice resgatar este pedaço de si”. (COUTO, 2010, p. 212).

Em o *Eco da voz* décima primeira parte da narrativa, Clarice consegue perceber que existe outras vozes dentro dela, outras “Clarices” que precisam ser refeitas, voltar a vida e ganhar o mundo. Aqui neste momento, o autor traz para conto a voz de Chico presente na segunda estrofe da canção: *Quando você me quiser rever, já vai me encontrar refeita, pode crer. Olhos nos olhos, quero ver o que você faz ao sentir que sem você eu passo bem demais.*

Nessa parte do enredo, o narrador trará para o conto o discurso de uma outra pessoa, a voz do pai de Clarice e a história que seu pai contará para ela ainda pequena, isso será um elemento que ajudará Clarice ressurgir das cinzas, a reconstruir o seu “eu” o seu lado feminino. E assim Clarice “ que havia inventado a morte e a loucura para João Rosa, ela inventaria uma vida outra para si. Ela se inventaria Adélia. Foi ao espelho e se fez bonita. Foi ao velho baú e se fez vaidosa. Foi ao fundo de si e se fez mulher”. (COUTO, 2010, p. 213).

A última parte da narrativa *Olhos nos olhos*, irá concretizar os últimos versos da canção de Chico Buarque: *Olhos nos olhos, quero ver o que você diz. Quero ver como suporta me ver tão feliz.* Clarice se refaz, rompe o casulo que construiu para si e ganha o mundo, lança-se na procura de outros homens que a amaria bem mais e melhor, ultrapassa os

limites que estabelecerá para si esses mesmo limites o qual Rosa não imaginava existir ou sentir.

João Rosa é pego de surpresa não imaginava reencontrar Clarice assim: Refeita! Rosa não consegue encara a nova Clarice e a indaga:

João Rosa, encartado caçador de mulheres, não foi capaz de enfrentar Clarice. Rosto baixo, pálpebras tremeluzentes, em véspera de lágrima.
Onde vai, Clarice?
Quem pergunta? É você?
Por favor, Clarice: vai ter com alguém?
Ela não respondeu. Flutuava em seus lábios um hastear de feliz confiança.
Pousou o braço no ombro dele, consoladora.
Quem sabe?
E virou as costas, cruzando a rua e afastando-se no outro lado do passeio.
(COUTO, 2010, p. 214)

Neste momento o narrador deixa estampado a dor de João Rosa, a angustia ao constatar que tinha perdido Clarice, a sua opulência, o seu ar másculo e seguro cairá por terra. Clarice por sua vez, que desde o início do conto era rios de lágrimas, como gotas de chuva em vidro de janela, via Rosa se desfazer, via Rosa enlouquecer perdido no emaranhado dos seus sentimentos. Os seus olhos já não eram seus, as suas lágrimas agora estavam presentes nos olhos de João Rosa. Nos olhos de Rosa agora habitava lágrima e sofrimento como podemos ver no trecho final do conto:

Escutou-se, então, o grito rouco de Rosa:
Clarice, volte... Volte, eu não estou a ver.
O tom era de desespero. Ela parou, deu meia-volta e atravessou, de volta, a estrada.
Eu estou cego, Clarice!
Você apenas está chorando, meu querido.
Chorando, eu?
Eu sei. Porque esses, no seu rosto, são os meus olhos. E lágrimas que não eram suas desceram como gotas de chuva em vidro de janela. (COUTO, 2010, p. 215).

Ao final da narrativa percebemos que João Rosa não estava cego, estava apenas chorando ao tempo que se dava conta de todo sofrimento que tinha ocasionado na vida de Clarice. Percebia que sua mãe tinha razão “ninguém se separa”, o amor os tornará um só muito além que um fio de chuva em vidro de janela. Ele definitivamente poderia conquistar várias Adélia, mas amaria eternamente Clarice.

CONCLUSÃO

As obras *Olhos nos olhos e Olhos nus: olhos* conversam entre si como uma verdadeira fusão de vozes sob o cantar de Chico Buarque e a escrita de Mia Couto. O conto reintegra e recria o texto de partida, neste caso a canção. Mia Couto produz o novo ao nomear e criar personagens, ao descrever ações, desenvolver o enredo, conquistar o leitor neste diálogo constante.

O escritor produz a intertextualidade entre os textos que fica claro na construção do conto. Por vezes no decorrer das dozes partes desta narrativa conseguimos visualizar e sentir ressoar os versos da melodia de Chico Buarque, seja no sofrimento e lágrima de Clarice ou no arrependimento de João Rosa. Essa narrativa em forma de conto nos conduziu como um fio de chuva em vidro de janela.

Bem mais, que um trio amoroso os personagens João Rosa, Adélia e Clarice nos conquistam por chegar tão perto do real, seus dramas e conflitos nos parece peculiar cotidiano o que por vezes acaba por projeta a ficção na realidade. Segundo Eco (1997), é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente.

Olhos nus: olhos faz emergir as vozes e os pontos de vistas sobre relacionamento e a paixão, o amor de três personagens, constitui-se também uma narrativa polifônica por sua multiplicidade de ponto de vista que dialogam com o novo sendo capaz provar que na prática é possível criar uma nova velha história. E nessa história “amar e viver são verbos sem pretérito”.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*/ Leonor Arfuch; tradução, Paloma Vidal.-Rio de Janeiro: EdURJ, 2010.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* / Walter Benjamin; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. – 7.ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUARQUE, Chico. Olhos nos Olhos. In: *Chico Buarque. Meus caros amigos*. São Paulo. Faixa 3.

CARVALHO, Carlos Alberto de. *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. / Organização de Bruno Souza Leal e Carlos Alberto de Carvalho. Introdução de Elton Antunes – São Paulo: Intermeios, 2013.

COUTO, Mia. Olhos nus: olhos. BRESSANE, Ronaldo. *Essa história está diferente: dez contos para canções de Chico Buarque*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção* / Umberto Eco; tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa* / Luiz Costa Lima. – Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra* / Silviano Santiago. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KEHL, Maria Rita. *Minha vida daria um romance*. In: BARTUCCI, Giovana. *Literatura, psicanálise e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

Data de recebimento: 23/07/2014

Data de aprovação: 11/11/2014